



O SUJEITO ENQUANTO FONTE: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE UM REASSENTAMENTO HABITACIONAL

Cayo Vinícius Lemes Vieira* (Programa de apoio à iniciação científica – PAIC 2017/2018, Núcleo de Pesquisa Acadêmica; FAE Centro Universitário; Curitiba-PR). Elizandra Pereira dos Santos** (Programa de apoio à iniciação científica – PAIC 2017/2018, Núcleo de Pesquisa Acadêmica; FAE Centro Universitário; Curitiba-PR). Geiza Tokaz da Cruz*** (Programa de apoio à iniciação científica – PAIC 2017/2018, Núcleo de Pesquisa Acadêmica; FAE Centro Universitário; Curitiba-PR). Joyce Kelly Pescarolo (Orientadora do trabalho; Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná; Professora coordenadora do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário; FAE Centro Universitário; Curitiba-PR).

Contato: cayo.vieira@mail.fae.edu*
elizandrapersantos@gmail.com**
geiza.cruz@hotmail.com***

Psicologia Social Comunitária, Institucional e Comunitária

Palavras-chave: Reassentamento. Mudança. Etnografia.

Esse trabalho que teve como base teórica os conceitos da Psicologia Social, foi desenvolvido na região de São José dos Pinhais, município que compõe a região metropolitana de Curitiba. Nesse município, como em Piraquara, passa o rio Itaqui que é um dos afluentes, do rio Iguaçu, porém, com o desenvolvimento das cidades, as margens deste foram sendo ocupadas, tanto regularmente, ou seja, por pessoas que possuíam registro regular dos imóveis, como também por aquelas que constituíram moradias irregulares, nas margens do rio, sendo que, com a ocupação da margem do rio, vários eram os problemas causados tanto para o meio ambiente, como para as famílias que residiam no local. Diante desses problemas, a prefeitura municipal da região através de recursos do programa Minha Casa, Minha Vida, da Cohapar, do Ministério das Cidades e da Caixa Econômica Federal, instituiu no ano de dois mil e três (2003) o PROJETO PARQUE LINEAR DO RIO ITAQUI, que visou a recuperação das margens do rio, a construção de moradias para aproximadamente novecentas (900) famílias e a construção de um parque no local onde antes essas pessoas residiam. O processo de reassentamento dessas famílias foi retratado no livro de fotografias “Mudanças”, de Vieira (2015), que acompanhou treze (13) famílias durante o seu curso, desse modo, essa pesquisa buscou reencontrar algumas dessas famílias e localizar outras, para compreender quais foram as mudanças tanto objetivas, como subjetivas, desse processo de reassentamento, para os indivíduos, depois de estarem residindo no novo local há pelo menos três (3) anos. Para tanto tivemos como



perguntas norteadoras para o objetivo dessa pesquisa, os seguintes questionamentos: 1. Essas famílias permaneceram no local reassentado? 2. O que mudou e de que forma essas mudanças impactaram nas subjetividades desses indivíduos? 3. As mudanças foram percebidas por essas famílias como positivas ou negativas? 4. Como estão as redes sociais que essas famílias possuíam antes do assentamento, foram preservadas? 5. Houve mudança nos hábitos sociais dessas pessoas?

Figura 1

Audinete Alves, 32 anos: Condomínio Residencial Vila Verde, São José dos Pinhais, PR



Fonte: fotografia integrante do acervo do PAIC, 2017-2018, por Cayo Vieira

Importante ressaltar que os nomes e fotos de alguns participantes das entrevistas, não foram suprimidos, sendo observado sua autorização para tanto, pretende-se dessa forma, dar voz a esses sujeitos, que por muitas vezes são somente considerados como números a serem realocados.

Optou-se como metodologia desse trabalho a pesquisa de campo, com uma abordagem qualitativa, pois ela prioriza a interpretação e compreensão de comportamentos do grupo (Gerhardt e Silveira, 2009), do que por dados numéricos em si, pois entende-se, que em nosso campo de pesquisa/atuação essa abordagem é a que mais se adequa por buscar pesquisar impactos de cunho subjetivos. Também pode-se nomear como um método dessa pesquisa a etnografia, que teve



sua origem na Antropologia, mas que pode ser utilizada por outras áreas de conhecimento, como pela psicologia. A etnografia tem como um dos seus principais pontos para uma pesquisa, a interação entre o pesquisador e o pesquisado, pois busca-se conhecer o fenômeno, no local em que ele se dá, com aqueles que participam desse ambiente (Rocha e Eckert, 2008), isto é, o pesquisador passa a ter uma convivência prolongada tanto com os indivíduos como com o grupo social e deve-se lembrar, que nesse modelo de pesquisa, se busca conhecer o outro, mas ainda é necessário que o pesquisador compreenda que ele não pode se fundir com o objeto de estudo, sabendo que aquilo que é do outro, não é dele. Isto também nos leva a pensar que a forma como esse método de pesquisa se orienta, através do “[...] exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) [...]” (ROCHA e ECKERT, 2008. p.2) implica ao pesquisador se distanciar de sua cultura, para poder se atentar aos fenômenos que ocorrem nesta outra (Rocha e Eckert, 2008), pois ele precisa compreender esse grupo social e sua cultura, para compreender a realidade que investiga. As técnicas de pesquisa utilizadas foram entrevistas não diretivas, com a realização de perguntas abertas, a observação direta e o uso da fotografia, que visa registrar o momento da forma em que ele ocorre, para então registrar-se o modo de vida dos participantes do estudo. Em um primeiro momento esperava-se revisitar as treze (13) famílias retratadas no livro Mudanças (2015), porém com o avanço da pesquisa optou-se por conhecer outras famílias além dessas, desse modo participaram da pesquisa vinte e duas (22) famílias, sendo dessas nove (9) que já haviam sido visitadas para a construção do livro e outras treze (13) famílias que moravam no condomínio vertical, no condomínio horizontal e as que ainda permaneciam no local da invasão.

Figura 2

Dona Olga: Moradora indenizada Bacia do Rio Itaquí, São José dos Pinhais, PR



Fonte: fotografia integrante do acervo do PAIC, 2017-2018, por Cayo Vieira



Com a construção dessa Pesquisa, observou-se que o reassentamento habitacional passou por questões que vão além das de ordem prática. Mudar-se de residência, para os moradores do Residencial Vila Verde, envolveu também uma mudança subjetiva, na medida em que a moradia vertical exigiu um novo conjunto de regras e modos de vida.

Esse panorama é endossado através do que Christian Dunker (2017) chama de Lógica do Condomínio: a ideia de que a vida nos blocos homogêneos de concreto constituiria o ideal de felicidade de toda uma população. Os muros, pelo viés dessa mesma ótica, seriam o impedimento necessário para a entrada do mal. Aqui, estaria uma das necessidades de se viver em um Residencial, cuja padronização é sinônimo de ordem; e o que o Síndico fala, lei.

O que essa visão ignora, no entanto, é que do lado de dentro dessa moradia se constitui de relações humanas em ebulição cotidianamente que geram múltiplas repercussões no viver entre muros.

Um desses impactos, localizados no contexto em questão, foram as mudanças nas questões identitárias.

Entende-se por identidade uma forma de ser, conviver e se adequar ao seu espaço, além do sentimento de pertença a tal lugar (Hall, 2006). Ela constitui uma forma de *habitus*, entendido como a maneira que o sujeito manifesta o que é interno a ele – compreende a soma das experiências e costumes de cada indivíduo dentro de seu contexto social, expressado na sua trajetória de vida, no seu comportamento em no seu *ethos* (Bourdieu, 1989).

Essa explanação sobre o conceito de identidade, serve de base para pensar o que ocorre quando esse *habitus* é desencaixado, ou seja, por algum motivo o sujeito precisa se readaptar à uma situação nova. Quando os moradores da Vila Verde precisaram se reassentar em outro espaço físico, houve esse desencaixe, visto que uma nova lógica lhes foi apresentada: o menino não pôde trazer seus cachorros, pois a lei do condomínio é clara: não se permitem animais. A senhora não pôde ter sua horta, uma vez que as dependências coletivas do apartamento não devem ser utilizadas para tal fim. Agora, a luz e a água têm preço fixo – ou nem tão afixado assim. Existe a crescente taxa de condomínio que aumenta proporcionalmente à inadimplência.

Tais questões aparecem com recorrência na fala dos moradores que, em sua maioria, sofrem com os impactos recorrentes dessas mudanças:

I – “É terrível, não é fácil. A gente sair do mundo que a gente viveu pra cair num mundo desse aqui num... eu não sei, eu não guento memo.”

Entrevistador – “E como era esse mundo em que você vivia?”

I – “Não, esse mundo que eu tô falando pro cê é tá lutando com as coisa, né? Trabiando, ter a tua horta, ter a tuas galinha. Lá eu tinha galinha, lá eu tinha



ovo fresco pra mim comer e aqui tudo que você quer comprar e comer você tem que comprar, né? Eu tinha pra dar pros vizinhos e hoje eu não tenho nem pra mim! Não é fácil... (sic - I, 66 anos)

R – “Ihhh Deus o livre, ele queria bem dos bichinho dele, gato que ele tinha, cachorro que foi dexado tudo lá né.”

Entrevistadora – “Não podia trazer?”

R – “Não podia traze gato (...) Deus o livre ele chego chora é pa não traze o gatinho dele.” (sic, R. 47 anos)

W: [...] A pi lazada ficava à vontade...igual ele mesmo, ficava o dia inteiro na frente de casa e não tinha problema...a casa não tinha nem portão.

Entrevistador: Então lá não tinha problema com segurança?

W: Não, não, assim esse tipo de coisa não, não tinha problema não...para você ter uma ideia, nois começemo a usa chave quando nois mudemo pra cá (risos). (sic, W. 50 anos)

Em suma, os entrevistados da pesquisa apontaram para outras dimensões da mudança que diferem da possível expectativa do poder público ao incentivar os reassentamentos habitacionais, uma vez que a nova chave da moradia viria carregada da segurança e modelo de vida ideais.

Embora grande parte dos moradores tenha se mantido no condomínio e ainda possua antigos hábitos sociais, é permanente em seus discursos o desejo de mudança para outra localidade, pois grande parte não está munido das exigências financeiras e organizações subjetivas que o condomínio exige.

A pesquisa permite apontar que há a necessidade de uma diferente forma de sistematização para a realocação de famílias em projetos como este. É preciso considerar as questões econômicas singulares a cada indivíduo, bem como sua percepção sobre o que é viver em um condomínio com leis tão específicas, visto que existe, antes de uma mudança de estrutura física, um ser humano carregado de demandas subjetivas que não pode ser ignorado.

REFERÊNCIAS

- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Dunker, C. (2017). A lógica do condomínio. *Piseagrama*, (11), 102-109.
- Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T (Orgs.). (2009). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade: a identidade em questão* (11 a ed.). Rio de Janeiro: DP&A.
- Rocha, A, L, C, da, & Eckert, C. (2008). Etnografia: saberes e práticas. *Iluminuras*, 9 (21).
- Vieira, C. V. L. (et al). *Mudanças*. Curitiba: Lausac, 2015.